

“NO VIDRO É REMÉDIO, MAS NO CORPO É SAÚDE”: IMAGENS DO CORPO FEMININO NOS RECLAMES MEDICAMENTOSOS N’O *LIDADOR* (1933-1943)

Keila Nascimento Alves¹

RESUMO

No presente artigo analisamos alguns dos reclames (disseminados no periódico *O Lidador* que circulou em Jacobina - BA entre 1933-1943) de medicamentos indicados especificamente ao público feminino, interrogando que composição corporal feminina é sugerida por esses anúncios. Discutimos que o corpo é uma emergência histórica, ainda abordamos a relação entre os avanços técnicos na produção e circulação de publicidades e sua ligação com o corpo feminino. Entendemos que as práticas corporais não são apenas pessoais, mas são sociais e políticas. Acontecem numa tensa relação de forças, pensamos que para o período da pesquisa os discursos e práticas médicos, farmacêuticos e publicitários ganham relevância e formam um dispositivo nas assimétricas relações de forças, que delineiam corpos, enquanto corpos femininos circunscritos na heteronormatividade e na maternidade que demandam o consumo medicamentoso. Ao marcar-lo socialmente com a função da maternidade, o corpo feminino (no período contemplado pela pesquisa) é concebido como peça fundamental num projeto de nação pautado no desenvolvimento industrial e de urbanização. A mãe geraria e educaria homens capazes de contribuir com o progresso da nação.

Palavras-chave: Corpo; Publicidade; Medicamento; Consumo.

INTRODUÇÃO

O corpus documental composto pelas publicidades que circularam no *O Lidador* é bem diversificado, constituído por publicidades do comércio local e anúncios de produtos que circulavam nacionalmente. No presente artigo analisamos os anúncios de circulação nacional que nomeamos de medicamentosos, optando pelos direcionados especificamente ao público feminino: Vigor Uterino, Fluxo Sedatina e Regulador Gesteira, todos com nomes sugestivos, pois remetem a centralidade do útero, ao fluxo menstrual e a gestação. Interrogando que composição corporal é sugerida como feminina pelos mesmos.

Compreendemos que o corpo não se restringe ao biológico, não é algo dado e natural, no sentido de uma natureza essencial e imutável ao longo dos múltiplos tempos e espaços. Pelo contrário, o corpo é uma superfície sob a qual se inscrevem normas culturais, sendo também o lugar direto de controle social. Porém, se por lado o corpo é alvo de controle social, por outro lado ele também é a ponta de partida das lutas, sobretudo em nossa sociedade de culto ao corpo. Segundo Michel Foucault

¹ Mestranda em História- PPGH- Universidade Federal Campina Grande

... Pensamos, em todo caso, que o corpo não tem outras leis a não ser de sua fisiologia, e que ele escapa a história. Novo erro: ele é dominado por uma série de regimes que os constroem; é destroçado por regimes de trabalho, de repouso e de festas; é intoxicado por venenos – simultaneamente alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais; ele cria resistências... (FOUCAULT, 2008, p.272).

O corpo ele próprio é produzido, corrigem-se suas posturas, calculam-se seus gestos e movimentos, controlam-se os alimentos a serem ingeridos, dizem quando se deve vesti-los e despi-los. Nesse sentido, o corpo é configurado historicamente. Conforme Michel de Certeau (2012) o corpo é produzido socialmente, é inscrito, o texto o marca, é cultivado, instrumentos o conforma, normas e códigos tornam carnes em corpos reconhecidos socialmente. A escritura inscreve-se sobre as carnes mediante instrumentos que configuram corpos, a exemplo, da maquinaria jurídica e médico - cirúrgica. Em relação ao poder operador da escrita, no que se refere à maquinaria médico - cirúrgica afirma de De Certeau:

O corpo se repara. Educa-se. Até mesmo se fabrica. A panóplia dos instrumentos ortopédicos e dos instrumentos para intervenção prolifera, portanto à medida que, daqui em diante, o homem se torna capaz de decompor e reparar, cortar, substituir, tirar, acrescentar, corrigir ou endireitar. [...] [Há uma] multiplicação das intervenções possíveis, mas sempre definida pela escritura de um texto sobre os corpos pela encarnação de um saber... (CERTEAU, 2012, p.213).

As modulações dos corpos estão no campo das relações de poder e são atravessadas por tensões. Trata-se de um poder difuso, que não é possuído por um sujeito social, mas disputado por sujeitos situados socialmente de forma assimétrica. (FOUCAULT, 1979) E são nessas relações entre diferentes agentes, práticas sociais e representações culturais historicamente datadas que são produzidas as subjetividades, aparências e os gostos. Pensamos que na incipiente sociedade de consumo, no início do século XX, com desenvolvimento de um espaço de consumo para o público feminino, a circulação de mercadorias e a publicidade impressa constituem dispositivos que configuram corpos, num campo de forças diversas e assimétricas como o discurso médico, religioso e político-administrativo.

TÉCNICA, RECLAMES E CORPO FEMININO

Entendemos que os textos publicitários buscam influenciar e aumentar o consumo, mas também incide nos hábitos, informa e educa, e mediante o seu caráter repetitivo possibilita maior facilidade de arquivar a mensagem. De modo sedutor e sutil os mesmos marcam e

modulam corpos, desenha o que seria corpos femininos e masculinos e demarca-lhes desejos e funções dentro de certa margem de autonomia dos receptores.

Com o avanço técnico da produção de imagens, o desenvolvimento da indústria de bens de consumo e da sociedade de consumo a publicidade assume um lugar central no cotidiano, principalmente nos centros urbanos, tanto como componente da paisagem urbana (cartazes, panfletos, anúncios em muros e outdoors) quanto como anúncios de mercadorias em suportes impressos ou virtuais. Os meios publicitários estão em diálogo com os avanços técnicos, exploram - os inventando novos artifícios publicitários, potencializando sua capacidade de gerar desejos por meio de apelos sensoriais, de modo que todos os sentidos corporais são envolvidos numa esfera onírica.

Observamos que em nosso cotidiano a linguagem publicitária sugere os desejos de bem estar e saúde, beleza e juventude eterna. E, o repertório das imagens publicitárias insinua o desejo pela felicidade. Por toda parte as imagens com sua grafia própria fabricam desejos de felicidades próximas e nessa ambiência urbana de técnica, imagens e circulação de mercadorias exprime se implicitamente o consumo incessante como possibilidade de alcançar o bem estar, saúde, beleza, êxito profissional, em suma a felicidade (CERTEAU, 1995).

Nesse sentido, pensamos que imagens atreladas a uma lógica do consumo ligado a uma estética da mídia e do mercado, são linhas fundamentais que contornam nossos corpos na contemporaneidade, agenciam os desejos, desejo pelo liso, pelo esguio, e provocam ansiedades frente a tudo o que na aparência pareça relaxado, franzido, machucado, enrugado ou amolecido, de modo que se combatem incessantemente as marcas do envelhecimento do organismo. As relações entre técnica, imagens, agenciamento de desejos e configuração corporal com suas singularidades, podem ser notadas noutros contextos sócio históricos.

PUBLICIDADE E DISCURSO MÉDICO

No período do recorte temporal da pesquisa, é notável a execução de uma política nacionalista, que buscava por meio de um controle do corpo individual e social formar uma nação civilizada e progressista. Convém ressaltarmos que as mulheres na condição de esposas e mães, consideradas elementos relevantes na constituição do projeto de nação civilizada, foram alvos de intervenções políticas, como o controle do corpo mediante prescrições e sugestões de um dever ser, nos quais estão os cuidados de si como as técnicas de embelezamento e medicalização.

Segundo o historiador Iranilson Buriti de Oliveira (2003), nas primeiras décadas do século XX, amplia-se no Brasil a discussão sobre a higienização e saúde pública. E desenvolve-se também a crença que os médicos são aptos conhecedores das ações humanas, nas palavras do autor “... Os sinais da emergente medicina tornam-se visíveis por toda parte e o médico adquiria o perfil de um ‘herói’ no discurso moderno...” (OLIVEIRA, 2003, p.16)

Foram eleitos como principais alvos da prática e saber médico- sanitaria o corpo (visando um sujeito higiênico e sadio) e o espaço urbano normatizado e asséptico. Como nos indica o autor, o saber médico associa-se com o saber político administrativo, havendo uma institucionalização das intervenções normalizadoras no cotidiano. Segundo o autor:

A República deu margens a esse pensamento com campanhas sanitarias iniciadas, em 1904, na capital do Brasil, tendo Oswaldo Cruz à frente dessa “batalha” da saúde contra os miasmas e vírus que atacavam a jovem pátria. O corpo, o sexo e as relações afetivas foram alvo de cuidados médicos através de normas que regulavam o comportamento dos homens, das mulheres e das crianças (idem, p. 19).

Essa preocupação higienista de autoridades governistas e de médicos- sanitarias esteve ligada ao anseio de se alcançar a ordem e o progresso. As práticas e discursos político - administrativos e da medicina constitui-se em dispositivos de normatização de corpos e práticas cotidianas. Desse modo, propunham a modificação de hábitos tidos como inadequados para uma nação que se pretendia civilizada.

Identificamos que no *O Lidador* os serviços e produtos relacionados à saúde, aparecem nas publicidades como um item de consumo. Então, deduzimos que ocorreria uma ligação entre a propaganda e o saber médico, anunciando e sugerindo a ida ao médico e o consumo de tais produtos medicamentosos como necessidade e possibilidade de ser saudável. Pensamos que essa associação forma um complexo de práticas e discursos médicos publicitários, que constituem um dispositivo de saber e poder agenciador dos corpos. Toda a narrativa (composição textual, imagética e de recursos técnicos) dos anúncios funciona como um dispositivo de agenciamento de desejos e comportamentos, no sentido de sugerir ao leitor que para ter boas relações afetivas, sucesso profissional e ser feliz é preciso cuidar do corpo medicalizando - o, embelezando-o e higienizando-o.

“A VIDA ASSIM É UM INFERNO!”: o útero e os ovários, e as mulheres tem medo de enlouquecer?

Segundo a historiadora Mireille Dottin Orsini no século XIX, o médico, assume a figura do grande médico, personagem central nos discursos sobre o feminino. Sob a autoridade da ciência ele ocupava um lugar de honra, assim afirma Dottin Orsini “... Temos a impressão de que somente o médico podia, além de explicar a fisiologia feminina, falar do corpo da mulher- como se fosse o único mortal a lhe ter acesso...” (DOTTIN, 1996, p. 221).

Iniciemos pelo reclame Vigor Uterino, o mesmo está na página 02 da edição 287 de 02 de julho de 1939, eis o anúncio:



Não temos informações se o mesmo era produzido por algum laboratório ou se era patenteado por algum farmacêutico. O reclame constitui-se de poucas frases que conseguem passar uma mensagem impactante, qual seja a necessidade de cuidados com o útero e ovários e a eficácia do medicamento “... *para todas as moléstias do utero e dos ovarios...*”. Esses são órgãos do aparelho reprodutor feminino, o que indica a preocupação e a afirmação da maternidade como ao natural e função das mulheres. Noutras palavras, afirma-se uma normatividade para o corpo feminino definido pelo útero e ovários, se possuísse útero e ovário, esses deveriam ser medicados, afim de garantir-lhes o vigor. Assim, o discurso veiculado pela publicidade no *O Lidador* impõe ao corpo cuidados e disciplinas.

É o que observamos nessa outra publicidade estampada na edição 78 de 1935, na página 02, o anúncio do *Fluxo Sedatina*



A maior descoberta para mulher
Do Dr. Sylvino Araujo
Fluxo Sedatina
A mulher não sofrerá mais dores
Cura cólicas uterinas em 2 horas
Regularisa as suspensões. Corta as grandes hemorragias. Combate as Flores Brancas. Evita o reumatismo e os tumores na idade critica. É poderoso calmante e Regulador nos Partos, evita Dôres, Hemorragias e quase nullifica os accidentes de morte que são de um por cento. Meninas de 13 à 15 annos todas devem usar a FLUXO SEDATINA que se vende em todo o Brasil. Receitada por mais de 10.000 medicos.

Iniciemos pelo nome do medicamento: *Fluxo Sedatina*, esse sugere o ciclo (fluxo) menstrual e uma ação calmante do medicamento, e que o fluxo causaria irritações e dores, portanto seria necessária a medicalização. Observamos como estratégias para instituir credibilidade ao produto, sua associação ao nome Dr. Sylvino Araujo e a declaração que o medicamento já havia sido receitada por mais de 10 mil médicos. Portanto, nota-se como estratégia para atrair os consumidores à atribuição de credibilidade ao produto associando-o ao saber médico. Assim, o discurso médico é apropriado pela indústria farmacêutica para legitimar o discurso publicitário e atrair os consumidores.

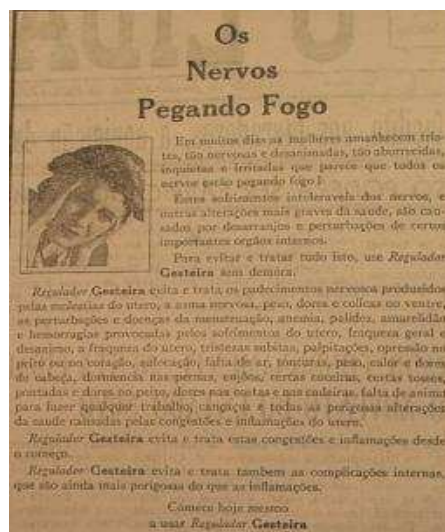
O reclame expõe que o medicamento seria a maior descoberta para mulher, enfatizando uma composição corporal feminina marcada pela procriação, então o *Fluxo Sedatina* “a maior descoberta para mulher” garantiria o bom funcionamento do corpo feminino e o livraria da dor, tal composição corporal é marcada pelo ciclo menstrual, ou noutras palavras, um corpo apto à reprodução, porém que necessita de cuidados, conforme as expressões “*Regulariza as suspensões*”, “*É poderoso calmante e regulador de partos*”.

Há uma preocupação com a maternidade e o bom funcionamento do órgão que é sempre relacionado à verdadeira feminilidade, mulheres que não procriassem seriam como incompletas. É um corpo que poderia ser minuciosamente agenciado e que deveria ser minuciosamente cuidado dos ossos à perda de sangue.

Conforme o anúncio meninas de 13 aos 15 anos devem usá-lo, notemos também a sugestão que o medicamento “*Evita o reumatismo e os tumores na idade critica*”, indicando que a observação e o “cuidado” com o corpo feminino deve ser o mais minucioso, precoce e contínuo. Destaquemos também a proposta de uso como “*poderoso calmante*” que alude ao caráter “nervoso” da mulher como característica do feminino.

Nos reclames do Regulador Gesteira (encontramos o primeiro anúncio no *O lidador* na edição 220 de 1938 e o último em 1939) assim como nos demais já analisados o corpo feminino estaria definido pelo biológico como um dado natural e teria como principal função a reprodução. Esse corpo seria marcado por demandas biológicas, como os cuidados com o útero, não só como órgão do sistema reprodutor, mas também por que todo o corpo sentiria as conseqüências de um útero doente. De modo que determinadas pelas do útero e ovários as mulheres são desenhadas enquanto seres que necessitam de reparos.

Selecionamos um anúncio do Regulador Gesteira, este atrai-nos a atenção pelo seu chamativo textual *Os nervos pegando fogo*, bem como pela sua composição texto-imagem. O reclame localiza-se na página 02 da edição 260 do ano de 1938. Eis a reprodução do mesmo:



Os nervos pegando fogo

Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, são causados por desarranjos e perturbações de certos importantes órgãos internos.

Para evitar e tratar tudo isso, use Regulador Gesteira sem demora.

Regulador Gesteira evita e trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, a asma nervosa, peso, dores e cólicas no ventre, as perturbações e doenças da menstruação, anemia, palidez, amarelidão e hemorragias provocados pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, a fraqueza do útero, tristezas súbitas, palpitações, opressão no peito ou no coração, sufocação, falta de ar, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, dormências nas pernas, enjoos, certas coceiras, certas tosses, pontadas e dores no peito, dores nas costas e nas cadeiras, falta de animo para fazer qualquer trabalho, canções e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações desde o começo.

Regulador Gesteira evita e trata também as complicações internas, que são ainda mais perigosas do que as inflamações.

Comece hoje mesmo a usar regulador Gesteira.

O chamativo textual *Os nervos pegando fogo*, trás a idéia de um incêndio, dos nervos se consumindo em chamas, ao ponto da figura da mulher estar com as mãos na cabeça e apresentar uma expressão facial de aflição. E assim como no reclame anterior a causa dos desatinos do corpo e comportamento feminino é o útero, ou melhor, as doenças que afetam este órgão, novamente apresentado como importante órgão feminino, prejudicam todo o corpo feminino e seu comportamento.

O anúncio coloca em evidência alterações de comportamentos, colocados como sofrimentos intoleráveis dos nervos. Observemos os citados no reclame: tristeza, desânimo, aborrecimento, inquietação e irritação. Seriam esses estados desarranjos corporais que demandariam regulações, para tal é indicado no reclame o uso Regulador Gesteira. Pela composição textual e imagética dos anúncios nos parece que a preocupação com o útero vai além de uma preocupação com a fertilidade, e incide-se sobre os comportamentos e na delimitação de uma normalidade de sanidade mental.

Prossigamos ainda com a análise dos reclames do *Regulador Gesteira*, selecionamos um reclame de 1939 veiculado na edição 274, na página 02, eis a reprodução do reclame:



Os médicos parteiros e as mulheres

Os bons Medicos Parteiros sabem que os mais perigosos sofrimentos das mulheres são sempre causadas pelas congestões e inflamações de importantes órgãos internos.

Os sofrimentos, às vezes, são tão graves que muitas mulheres têm medo de enlouquecer!

A vida assim é um inferno!

Para evitar e tratar as congestões e as inflamações internas, e todos estes terríveis sofrimentos, use **Regulador Gesteira** sem demora.

[...] [mesmo texto do anúncio selecionado anteriormente]

Nesse anúncio os bons médicos parteiros, nesse caso especialistas que possuiriam o conhecimento sobre o corpo feminino, seu funcionamento interno e seus sofrimentos.

Saberiam que os mais perigosos sofrimentos das mulheres são sempre causados por problemas em seus órgãos internos. Pensamos que o útero seja entendido como o centro do corpo feminino e definiria a mulher como propensa à histeria. Ademais, certos comportamentos seriam tratados como doenças perturbadoras de corpos que deveriam estar regulados. Estes sofrimentos são apresentados como extremamente drásticos ao ponto que se afirma *“Os sofrimentos, às vezes, são tão graves que muitas mulheres tem medo de enlouquecer! A vida assim é um inferno”*

O anúncio institui que a mulher deveria ser alegre, bem disposta, calma, sem inquietações, e caso assim não se portasse a causa seria complicações no útero, ou seja, seria sua composição biológica. Nesse sentido, os desvios são considerados doenças e a causa é natural, não se considera no anúncio as relações sociais, assim a saída seria a medicalização.

Em ambos os discursos médico e publicitário nota-se a preocupação com o útero como órgão primordial da mulher e a naturalização da maternidade. Nos anúncios e textos publicitários a maioria das doenças concentrava-se no aparelho reprodutor. Nesse sentido, percebe-se uma normatização do corpo feminino e uma inscrição social que o marca com a função da maternidade, como peça fundamental num projeto de nação pautado no desenvolvimento industrial e de urbanização. A mãe geraria e educaria homens capazes de contribuir com o progresso da nação.

Em relação às práticas sexuais, entendemos que são constituídas historicamente, são marcadas pela singularidade. E não algo dado, inerente ao ser humano, ou noutras palavras, a sexualidade não é uma essência própria do humano, algo que possuímos naturalmente. Na perspectiva da historiadora Tânia Navarro Swain (2000), não é o sexo biológico que define o ser feminino e o masculino, mas que assim foi socialmente construído.

Aliás, a autora problematiza que o próprio sexo biológico foi construído historicamente como o natural e normal. De modo que se estabelece uma relação linear de corpos sexuados a identidades e atribui-lhes papéis sociais. Ainda conforme a autora a sexualidade poderia ser apenas mais uma das múltiplas manifestações do humano, porém nas articulações sociais é uma marca que se sobrepõe nas circunscrições dos corpos e papéis sociais. Marca essa concebida como natural e indiscutível.

As funções corporais como a reprodução só começam a desenhar os corpos, ao encontrarem – se imbricadas nas relações sociais, assim são as práticas, os dispositivos políticos disciplinares, saberes e representações que inscrevem os corpos tornando- os socialmente reconhecidos. Nesse sentido valoriza-se a maternidade como elemento por

excelência do feminino. Conforme Swain “... Assim, a representação social do ser humano investe os corpos e os define por um sexo biológico, dando-lhes um lugar e funções – esposa e mãe para as mulheres – segundo valores determinados pelas significações sociais.” (SWAIN, 2000, p.47)

Nesse sentido, com a análise dos reclames de medicamentos ponderamos que houvera uma normatização dos desejos e práticas dos corpos femininos, dentre elas as sexuais numa heteronormatividade, o casamento como momento de celebração e realização feminina e a maternidade como expressão de uma verdadeira feminilidade. Esses controles marcam o corpo feminino, prescrevendo-lhes certos comportamentos como corretos e condenando outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CERTEAU, Michel de. O imaginário da cidade. In: **A cultura no plural**. Tradução. Enid Abreu Dobránsky. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995, p. 41-54.
- _____. Economia Escriturística. In: **A Invenção do Cotidiano**. Tradução: de Ephraim Ferreira Alves. - Petrópolis RJ: Vozes, 2012. (p.209-224).
- DONTTI, Orsoni Mereille. IX- A amiga dos médicos. In: **A mulher que eles chamavam fatal: textos e imagens da misoginia fin-de-siécle**; trad. Ana Maria Scherer- Rio de Janeiro: Rocco, 1996. (p. 220-247)
- FOUCAULT, Michel. IX Poder-Corpo In: **Microfísica do Poder**. Org. e trad. Roberto Machado.- Rio de Janeiro: Edições: Graal, 1979. (p.145-153)
- _____. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Ditos e escritos: Vol. II. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Manoel. B. da Motta (Org.). Elisa Monteiro (Trad.) (2ª ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2008. (p. 260-281)
- OLIVEIRA, Iranilson Buriti. “Fora da higiene não há salvação”: a disciplinarização do corpo pelo discurso médico no Brasil Republicano. IN: *Mneme Revista de Humanidades*. Publicação do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte v.4 - n.7 - fev./mar. de 2003– Semestral. ISSN -1518-3394. P. 14-29. Disponível em: <http://periodicos.ufrn.br/index.php/mneme/article/view/161>
- SWAIN, Tânia Navarro. A invenção do corpo feminino ou “a hora e a vez do nomadismo identitário?” IN: SWAIN, Tânia Navarro. **Feminismos: Teorias e Perspectivas**. Textos de História: Revista do Programa de Pós – Graduação em História da Unb, 2000, vol. 8. N. 1/ 2. (p.47-84).